

CORCOVADO,

BRASILIANA

OFFERECIDA AO SEU NOBRE AMIGO E BEMFEITOR

O ILLM. E EXM. SR. PAULO BARBOZA DA SILVA,
ENVIADO EXTRAORDINARIO E MINISTRO PLENIPOTENCIÁRIO
DE SUA Magestade o Imperador do Brasil
JUNTO À CÔRTE DE S. PETERSBURGO,

por

Manoel de Araujo Porto-alegre.



RIO DE JANEIRO,

Typ. do Ostensor Brasileiro, de J. J. Moreira,
Rua de Santa Thereza, 86.

—
1847

CORCOVADO,

BRASILIANA.

Subamos — Que vastissima paizagem!
A tantas sensações extasiada,
Minha alma se sublima, e se converte
N'um hymno harmonioso,
Em louvor do Senhor da Natureza.

Magalhães. — S. P.

I.

Sensação.

Do mundo as terreas scenas desaparecem
Sobre este corucho, que erguera a terra
Supino á méta aerea onde se chocam
Pejadas nuvens, engendrando raios.
Aqui bebendo a tragos magestosos
Ether olente, saturado em lume,
Um pelago de vida enche meu peito.
Insolito pregão fere minha alma;
Pairar me creio ovante sobre o mundo,
Ter meu solio n'um astro, e ler n'um dia
Sobre a convexa pagina da terra

O grande panorama, a scena insolita,
Que estreou Magalbães e Ruy Falleiro,
Quando co'a quilba audaz em virgens mares
Um circulo traçando sobre o globo
Um mundo ao mundo deram gloriosos.

Aqui da rasa esphera dos humanos
Os miasmas não sobem condensados!
Constante, odoro zephyro bafeja
Esta elysia mansão, que á natureza
Entre a terra e os ceos creou benina.
Aqui duplica o dia os seus fulgores;
A aurora se antevê, tarda o poenté
No leito do horizonte: o primo e extremo
Raio de luz, que o sol desprende ao homem,
Nos meus olhos se embebe, e co'elle a imagem
Da pallida natura semi-envolta
No manto opaco da estrellada noite.

Quando vejo a meus pés aniquilados,
Rastejando quaes vermes, os pinaculos
De graniticos templos, e os reductos
De bronze e ferro que torneiam praças;
Quando vejo co'a reiva nivellados
Os diques e os fastigios dos palacics,
Parece-me esmagar c'um passo as moles
Que pedra sobre pedra evos ergueram,
E o mundo concúicar! Pujante força
Meu ser roborá, fortifica, exalta
N'este immenso theatro, que me aclama
Um ente sobranceiro á humana sorte.
A meus olhos se rasga aureo sipario,
Grandioso offertando estranhos quadros;

Um delirio celeste acolhe, applaude
A ridente visão que se desdobra
N'este augusto proscenio; um sonho angelico
No cerebro me ferve! — Oh! Natureza!
Eu te saúdo, transportado em jubilo,
De cima do teu throno, sobre o apice
D'esta escada eternal de asp'ro granito
Esmaltada de bosques e de flores;
Sobre este eterno assento do teu templo,
Que ás azas do Condor raias impoem,
E devassa da terra a immensidade;
Sobre este ponto, incolume, do mundo,
Que viu do prisco Enoch o berço, e as ondas
Do diluvió fatal, ao longe, em vortices
Pulverisar os ossos do homem reprobo.
E de um sorvo extinguir a humanidade!

Como aos pés de um heróe, em plaustros d'ouro,
Geme o curvado encadeado Satrapa,
Assim se dobraria aniquilada
Minha alma ante a grandeza, a magestade
D'este immenso expectac'lo, que me assombra,
Se um decreto de Deos, sagrado aresto
Não lhe houvesse outorgado as azas lucidas
Do igneo enthusiasmo, e o poderio
Da traita que a remonta alem dos astros,
Fruindo e desprendendo melodias.

Eu te saudei, Parthenope risonha,
Sobre a crista inflammada e funegante
Do sulphureo Vesuvio! Vi a aurora
Polvilhar d'euro e purp'ra es teus zimbórios;
Teu golpho incendiar de luz e esmalte;

E em teus jardins helleneos, tuas ilhas,
Festivas barcarolas se animarem.

Eu te saudei, ó Roma renascida,
Entre o augusto esqueleto d'essa Roma
Que tinha por suggesto o mundo inteiro,
E na ponta do seu temivel gladio
O centro ensanguentado d'esse circulo
Que traçaras ao mundo avassallado!
Eu te saudei da cup'la grandiosa
Que plantára no ceo plastico Dante,
Sobre o teu craneo augusto, o Capitolio,
E do teu Palatino ermo de Cesares!

Eu te saudei, da torreada Fiesole,
Etrusca Flora, que te espelhas no Arno!
Valle ditoso onde pullulam genios,
Berço das artes, maravilha italica;
Veneravel asylo, ama piedosa,
Que em teu seio abrigaste a errante prole
Roubada ao mauro alfange sobre o Bosphoro;
Jardim das lettras, cenotaphio artistico
De illustres cinzas, de preclara raça.

Eu te saudei, Genebra encantadora,
Atravéz do Simplão varando nuvens!
Nas aguas do teu lago que ennobrece
A estructura dos Alpes gigantescos,
Em cujos flancos serpentêa o Rhodano.
Eu te saudei nas regiões celestes
Entre os prismas de neve que coroani
Tua eterna muralha, e que inspiraram
A Saussure e a Rousseau tantos prodigios.

Eu te saudei, Lutecia hospitaleira,

Sobre o bronzeo padrão de teus trophéos,
Onde a victoria cochleára as lides
Dos teus bravos sem par, onde arremata
O largo abaco a portentosa imagem
Do teu genio invencível nas batalhas!
Sobre o teu Pantheão, cofre de cinzas
De tantos sábios que dão lustre ao mundo,
Que hão de eterna fazer tua memoria.
Vi teus parques e foros, teus moimentos,
O teu povo de marmor, tuas pontes,
O teu crivo de estradas e os prodigios
Que em teu seio pujante nobre encerras.

Eu te saudei, industriosa Londres,
Babylonia moderna, Tyro ingente,
Sobre a escura lanterna que dominá
Teu templo ennegrecido, e semeado
De mudos tum'los, de vaidosas campas,
De poentos trophéos que cobrem, guardam
Centos de heróes na subterranea crypta.
Em teus humidos plainos vi do orbe
O ouro convertido em monumentos,
E nas salobras aguas do Tamisa
O pavilhão do mundo florendo.

Plagas ridentes, merencorias plagas,
Errante percorri por longo espaço.
Ora no fresco valle entre mil flores,
Voluptuoso aroma recolhendo,
Ora na escura gruta entre mil ondas
Orvalhado de effluvios; ora no alto
Sobre o ninho das aguias, entre as nuvens,

Como uma ave que fende o ethereo páramo;
Ora na rocha undisona que açouta
Espumante escarcéo com furia eterna;
Ou nos ermos delubros, nas ossadas
Do cadaver d'emporios, vendo as sombras
Do passado, através do manto escuro
Da morte, errarem nas fendidas moles
Que touca amargo tojo e abrolho esteril,
De viboras guarida. O tempo lavra
Incessante, incansavel, dia e noite,
Sobre os tectos, columnas, baluartes,....
Rotea o chão que geme enraizado
De largos alicerces, de aqueductos,
E ahi planta o deserto, que devora
Os marmoreos padrões, o bronze, o porphido,
E os thronos pulverisa, como as cinzas
De soberba hecatombe ao ar esparsas.
Vi dez solios, oitenta e seis cidades
No mundo visitei peregrinando.
Vi do humano engenho maravilhas,
Pelas artes creadas, pelos seculos.
Vi esses decantados monumentos
Que entalhára a natura sobre o globo!
Ridentes lagos, magestosos rios,
Sitios agrestes, sitios encantados,
Com duplo gozo de pintor, de vate,
E c'um peito innocente, neutro, e alegre!
Colhi horas felizes, aureas paginas
De arroubo feiticeiro; prévia lagrima
Saudosa me orvalhava o rosto, em vendo
A nevoa do futuro, e um oceano
Interpor-se entre mim, e as scenas gratas
Que meus olhos bebiam namorados.

Flamma electrica em extasis divino
A mente me abrasava, endeosando-me!

Como um sonho que sonhos atropellam,
Calidoscopio rutilante e vario,
Sempre bello, risonho, esperançoso,
Minha vida adornou. Saudei jazigos
Que memorani possantes realidades,
Ignoto atravessei moveis celeumas,
Ouvi da industria o malho no ar troando,
Saudei da natureza a fonte artistica,
Onde um Claudio, um Cogniet, na téla magica
Seu retrato estamparam com assombro!.....

Mas meus olhos não viram quem te iguale,
Divina Guanabára, em teus encantos!

Por onde começar?! minha alma inteira
Assaltam d'improviso mil bellezas,
Qual a erguido penhascó no Atlantico
À tarde se convergem nuvens de aves!
Faltam-me os olhos, a linguagem falta;
Quizera ser um vate Briareo,
Pulsar cem lyras, alinhar cem vozes,
E um só hymno exalçar, pasmando o mundo.

Ceo azul que me cobres, ceo brasileiro,
Recamado de gemmas tremilucidadas,
Dá-me um astro benino, um cirio eterno,
Que em meus versos salpique luz celeste.



Panorama

Que sublime visão minha alma assombra!
Nos ceos a immensidade, e no oceano
Um páramo de luz que atermam nuvens!
Douradas ilhas, espumantes syrtes,
Traiçoeiros alfaques, serras, bosques,
Picos, lagôas, praias, enseadas,
Dimensões gigantescas, grandiosas,
Em derredor me cercam, esmaltadas
De crocea luz, de tropical magia.

Sessenta milhas minha vista mede,
Se no azul horizonte um raio enfia;
Centos de leguas n'um volver abraça!

Se a mão espalmo, uma montanha eucubro;
Se os olhos fito, descortino um reino;
Rola a meus pés variegado enleio,
Virentes valles, transparentes aguas,
Talhadas rochas, portuosas angras,
Piscosos lagamares, prados, quintas,
E um immenso archipelago, ostentando
Redondas fragas que encapellam ondas:
Como titaneas fronteas ressonando
N'um leito de crystal somno eviterno.

Não: eu não exagero! Juro aos ceos,
Aqui junto dos ceos, que a natureza,
Ao receber o toque sublinado
Do pomposo ademan com que a ornára
A mão do Creador, disse, espelhando-se
Nos ceos, na terra, e em si mesma ufana:
« Serás, ó Guanabára, sempre e sempre
« O brilho dos meus olhos, e o sorriso
« Da terraquea belleza no universo. »

Aqui, n'esta ataláia alcantiladã,
Beijei, tres lustros faz, a mão augusta
Do Fundador do Imperio Brasileiro!
Serenos o vi, risonho, contemplando
Este quadro sem par! Talvez sua alma
N'este immenso oceano se emmarando.....
Um pensamento audaz então volvia:
Talvez secretos echos lhe ondulassem
D'esse raro despego; talvez fosse
Um recondito adeos á terra ingrata
Que banil-o intentou, como a um tyranno
Que lhe houvesse cavado escuro ergastulo
Na livre margem do Ypiranga heroico!

Ah! como d'entre a mortalha do passado
Mestos quadros a mente me perturbam;
E a natureza d'improviso envolve
Os ceos e a terra de neblina espessa,
Para mais concentrar meu pensamento!

Cerrada nuvem me acoberta e esconde
O vasto panorama que ora eu via!

Caliginoso escudo o vento erguendo,
O tope da montanha adarga, e tece
Impervia região à imagem lucida
Que o meu ser circumdava extasiado!
Qual dourada chimera em sonho caro
N'um subito acordar se desvanee,
E acusmaticos sons após soltando
No espaço reflecte a vaga imagem
D'esse mundo escoltado de mysterios!....
Tal a nevoa roubou-me, inesperada,
Este alegre conspecto, doce enleio
Que em minha alma vibrava accordo insolito.

Como a um cego exilado em erma rocha
Sómente a seus ouvidos vem mesclar-se
Os gemidos dos euros e o marulho
Que as ondas murgem no tenaz embate
Sobre o bojo escabroso de seus flancos,
Tal agora me acho! Tudo é nevoa!
Apenas n'este assento arido e rispido
Vislumbro adusto feno, e entre vapores
Confusas massas que de quando em quando
Incertas bruxoleam pelos ares
Grisalhas sombras, recortados vultos,
Espectros e phantasmas onde ha pouco
Espessura ridente meneava
De flores verde touca ataviada!

O meu corpo tiritá, um sopro gelido.
Hibernal sensação me cala ao peito.
Esperemos..... Mas ah! que o dia surge!
Carda-se a nuve, em flocos se lacera,
E uma restia do sol doura-me a fronte.

Traça no espaço um iris rutilante,
Almo calor diffunde, alma alegria.
E..... tudo se apagou! Reina um diluculo
Atravéz do nevoeiro! sopra o vento,
Roncam nas praias roladoras ondas,
Os ceos, o mar. a terra é tudo nevoa!
Esperemos.

O vento que agglomera
As nuvens sobre os montes e encastella
Supina borriscada, o mesmo vento
Em andrajos retalha a densa massa;
Volatilisa e varre do ether puro
Esses gigantes, transitorias larvas
Que a noite arrastram, e senhor do dia
A terra aos ceos off'rece em luz envolta.

Qual véo virgineo que ondulando ao zephyro
Eburnea espadao descortina e mostra
A soslaio indiscreto, que a perlustra,
Tenro peito, macio, onde em palpites
Arfa o pudor os pomos amorosos,
E outra vez esquivando-os brandamente
À tez se adhere e se modela morbida
Sobre as formas que abrolham mil feitiços;
Assim brincando no ar a nuvem volve
E me offerta com magica apparencia
Em brandas côres, prateados longes
Plagas aereas, vaporosas formas,

Transparentes paineis, sitios diaphanos,
Phantasticos vergeis, um mundo novo,
Não sei que de celeste, de translucido,
Que embarga da palavra o nobre escopol

Qual ao nauta cansado, em claro dia,
Pouco a pouco pullulam no horizonte
Ceruleos pontos que se alargam, sobem,
Rccortando confusos espinhaços
D'ingente serra, e manso e manso avultam,
Debuxando collinas, bosques, varzeas,
Niveas mansões que no seu peito infundem
Prazer immenso que aviventa e dobra
O borborinho alegre que nos ares
Estrugem plaustros e corceis fogosos,
O tintinar das torres, e as cantigas
Que o bateleiro adusto cadenceia.....
Tal qual ante meus olhos se desdobra
N'um magico tapiz, scena indizivel,
Da calva Gavia ao lagamar de Freitas!
Um antro a nuvem rasga onde resplende
Bafejado de luz, painel ridente,
Que extatico saudo, e um hymno entóo
Que n'alma repercute em mudos echos
Sacra emoção que tolheria o vóo,
Se em meus labios humanos assomasse.

Oh! que scena risonha, que contrastes!
Que amavel flicidade est'hora entorna-me!
Atravéz de caligem lacerada
Beijar c'os olhos, ao clarão do dia,
Da terra a imagem, lbe tecer mil dulias,
E ante a obra divina, ante o transumpto

Transportado de gloria! Oh! Providencia!
Inexaurivel fonte de bellezas,
Assás seria p'ra minha alma a pagina
Da mente do Senhor, abrir meu peito
Que ora escreves com lettras radiantes;
Assás seria, se eu não vira os ceos,
E a luz etherea de milhões de cirios
Que pendem no zimborio do universo,
Para humilde curvâr-me ante o teu throno,
E adorar tua infinda omnipotencia.

N'um mar de azul saphirino
Douradas ilhas ondeam,
Povoadas de mil aves
Que ao som das ondas gorgeam.

Nos ares se engrinaldando,
Niveas gaivotas adornam
Suas fontes lapidadas,
Que mil regatos entornam:

Seu aspecto gracioso,
Sua nobre soledade,
Parecem ninhos dos astros
No centro da immensidade.

Parecem no ar suspensas
Co' a fusão da terra e mar,
Parecem no firmamento
Seus vultos balauçar.

Como é bello o mar sereno
Que as côres do ceo repete!
E de topazios se junca,
Quando o sol em si reflecte.

Páramo de luz radiante,
Do infinito imagem pura,
Onde a lua em farchas d'ouro
Duplica de formosura.

Onde espargę a aurora rosas,
Quando rompe no oriente;
Onde rubins inflammados
Chove a nuvem do poente.

Sempre, ó Mar, sagrado culto
Te votei cheio de pasmo;
Sempre, ao ver teu grave aspecto,
Redobrou-mo o enthusiasmo.

Em tua macia face
Minha esperança deslisa,
E n'ella voando a mente
Longinquas praias divisa.

Sempre propicio foste ao peregrino
Que ora de gratidão te envia este hymno.

Tudo está claro, matutina brisa
Ao vento succedeu. Lume benéfico
Planta no coração suave enleio.
Os varios dons da natureza e arte
A mente emparaisam; renascida

Parece a meiga terra, e no seu rosto
Estampa a luz do-sól grato sorriso.

À dextra, por entre o bosque
Que tapeça ingente monte,
Mescla a ressaca o seu ronco
Ao ruído de clara fonte.

Vejo o ceo rompendo o dado
Que o cimo da Gavia ostenta,
E a seus pés fervendo a espuma
Do mar, que em furia rebenta.

Branças velas no horizonte,
Como cysnes alvejaudo
Nas ondas puras do Eurotas,
A terra vem demandando.

As frotas encastelladas,
Terror de tantas nações,
Sobre o mar, d'aqui, parecem
Undivagos, mergulhões.

Quaes balcias fumegantes,
Costa a costa contornando,
Se cruzam negros Vapores
D'euros aversos zombando.

A vaga na praia gárrula
As rochas borrafa e treme,
Como calcada serpente
Que se enroçca, ronca e geme.

Rastejam no espesso bosque
A meus pés, rasos, mesquinhos,
Os ledos gorgeios, varios,
Dos acreos passarinhos.

Qual no aderno um beija-flor
O homem se me afigura!
Da terra a imagem grandiosa
Eu vejo em miniatura.

Pautados sulcos, lamedadas vias,
Como em curto jardim canteiros floridos,
Bairros extensos os meus olhos ferem.
Invios trilhos, estreitas azinhagas,
Lacrimosos regatos, verdes hortas,
A cidade, seus templos, a habia
Matizado tapete delineam:
Qual brosla em niveo crivo a virgem candida
Caprichoso entrançado de arabescos
Entre mil laçarias de ouro e prata.

A membruda mangueira que se envolve
De verde manto, de dourados pomos,
E obumbra o flanco da montanha e valle,
Rasteiro cogumelo se afigural
Negreja o homem como um ponto movel,
E o fogoso corcel que plaustros rola
Como terreo esc'ravelho se me pinta.
Das virgens mattas qual rasteiro musgo
Se estende o pavilhão virente e odoró;
Sidereas imbaybas o recamam
Como em noite de Julho ao ceo os astros.
Jaldes massas, carminea papolina,
Aqui e alli as flores simulando

Da intonsa coma o apparatus explendem
Como em festivo dia sacro templo.
Das séricas antheras que distillam
Sobre a grenha do ipé cheiroso balsamo,
Douradas nuvens de amoroso polen
Sacode a viração, e sobre as baixas
Em choviscos de aroma se estendendo
Vida e fragrança sobre o solo espalham.

Virentes c'roas de espessura toucam
Tonicas moles de granito e porphido;
Dos aridos mamillos que a augmentam
No embrechado cimo pendem cardos,
Costados fetos, emplumadas palmas,
Onde se enroscam venenosas serpes;
Onde apenas repousa ave emigrada,
E o astuto sagui se embrenha e frustra
Do sagaz caçador certo tiro.

Aqui em frente ao mar, entre dous montes
Que achanada restinga abraça e prende,
Vasta cratera se aprofunda e mostra
No amago ridente argenteo lago,
Espelho transparente onde se mira
A rainha da noite em calma estiva.
De Rodrigo de Freitas guarda o nome
Este bello lugar, em que algum dia
Ha de moles corinthias, aureos kiosques
A mão das artes semear ufana:
Qual no lago de Como, ou de Benaco,
Ou nas aguas tessinas de Baveno,
Esses paços formosos e vergeis
Que parecem por Fadas engendrados.

Pelo mar alongando a vista esbarra
Sobre pando rochedo que supporta
Nivca atalaia que no céu respnde,
Luminoso ostensor, astro que ao nauta
Os equorcos propylcos patenteia
Que a entrada guardam do Janeiro ufano.

Viejeja alamedado á dextra o parque
Templo de Flora, elyseo do universo,
Onde o sabio cultor decifra arcanos,
Tolhe mysterios na odorosa prole
Que na quadra ridente cmbala o zephyro.
Mensageira de amor. zumbindo a abelha,
Prende nas azas os fragrantcs beijos
Que a flor á flor envia pelas auras,
E no adejo melifluc vai tecendo
Da primavera o thalamo fructifero.
Alli rufando as azas coruscantes
O mimoso colibrio se embriaga
Do nectar matutino que lhe offerta
No tenró calix a amorosa esposa;
Como regio sultão no harem florido.
Gracioso contempla esvoaçando
As varias formas, a belleza, o cheiro,
As vivas eôres da colonia exotica
Que alli mandára o mundo, e representam
Estavel primavera, encanto estavel.

N'esse calmo remanso, em horas gratas,
O cansado burgucz repouso encontra,
E a virgem folgazona entre seus parques
Colhendo flores, saltitando alegre,

Como innocente borboleta vóa
Delirante e risonha entre mil brineos.

Lagrimosa, em recanto solitario,
No lago filtra o crystallino pranto
A Fonte da Saudade; prisco arcano,
Amorosa legenda em sons confusos
A tradição echôa. Alli, nos contam,
Que dous entes em horas solitarias
Libaram entre lagrimas saudosas
Um beijo extremo que finára o exilio.
Alli, perante os astros, se juraram
Secretos esponsaes, votos eternos,
Que tyrannico fado então frustrára.
Entre um claustro e um tumulto guardaram
A baldada esperança té que aos céos
Abraçados subiram, e ditosos
Foram juntos gozar de seus amores.

Rodando a vista á sestra, se dilata
Rescendente chauceza limitada
Pelo mar, pelo dorso descarnado
Do monte Martha e da cadeia alpestre
Que da barra os propyleos fórma, e escuda
A magestosa entrada d'este emporio.
São-Clemente se chama, poiso alegre
De una eterna verdura e de ar sadio.
Em risonha Xareta as avenidas
Como cin aureo tecido as linhas cruzam;
E a nitidez das casas salpicadas

Pela vasta planície, á vista mostra
Qual charoneo xadrez d'eburneas taboas
Sobre o collo dourado de um Kalifa
Nas margens perfumadas do Indo bello.

Entre rolos de espuma muge e brama
Na curva praia a onda buliçosa:
Copa-Cabana o nauta appellidára
Essa plaga deserta e descarnada.
Juncam-lbe o scio variegadas conchas,
Purpureos ostros, esmaltados búzios,
E a polida muralha que a ressaca
Desnuda, encapellando em furia as ondas.

Ladeando a fauce undosa d'abra ingente,
Dous monstros de granito se levantam
Como egypcios colossos sobre as ruinas
De antiga capital, ou sobre o tumulo
De extincto imperio, mesto argamaçado,
Do pó do tempo e de esb'roadas moles.
Sobre o mar prateado se recortam
Os pardos vultos de lavradas rochas,
Que ornados de lanciz, de curvas lages,
De grisalha foligem, representam
Negras Exphinges, emborcados idolos,
Fendidos pantheoens, curvados templos,
Pyramides vetustas que se trunção
Sobre cabos desertos, montes aridos,
Ou nas ribas fecundas e alagadas
Do delta fabuloso que abre o Nilo.

Da Babilonia a rocca inexpugnavel

Fronteira ao Pão d'Assucar sorprendente,
De Santa-Cruz o pico bipartido,
Que curvas praias sobre o mar debucham,
E eternos molhes sobre o mar levantam,
Minha alma insaciavel n'elles frue
Goso indisivel, impressão grandiosa,
Co' a belleza sem par do vulto augusto.
Qual helia meta, tropical balisa,
Magestoso e pujante se levanta
Saxo pyramidal que as nuvens carda,
E no mar mergulhando o flanco eterno
A' flor suspende os revelins marciaes,
Onde em cada redente, em ferrcos leitos
Bronzeas bocas aguardam, no silencio,
A morte vomitar e o exterminio
Ao nauta insano que sonhar affrontas.

Salve, nobre penhasco, emblema classico
Do Rio de Janeiro, monumento
Que do mar devassando os horisontes
Vais, benigno ostensor, ao lasso nauta
N'esses plainos remotos, n'esses longes,
As portas franquear do rico emporio
Que em seu seio oceanico, seguro,
Pode do mundo acobertar as frotas.
Na silhocta austera, sublimada
Do teu vulto sem par encontra a mente
De Memnon o colosso que achatava
Da altiva Thebas, os sagrados templos.

Na tua calva frente carcomida
De dia em dia um matulino raio
Harmonias desprende ao plumeco bando
Que os ceos povoa e as virentes mattas;

Como outr'ora no berço de Amenophis
A estatua desferia sons melodicos,
Saudando a Osiris nos dourados planos.

Se á dextra encaro, te ladeam lagos,
Longinquoas praias, azuladas ilhas,
Promontorios remotos que se esfumam,
Se perdem, se confundem sobre a linha
Que mal traça no ceo sereno oceano.
Se á sinistra contemplo, um circo encontro
Aonde a Jurujuba em catadupas
Ondas potaveis mescla á salsa espuma
Na undante arena que entre os montes brilha,
Qual disco argenteo sobre um campo florido.

Eu não te invejo, ó Libano sagrado,
Que a Syria talhas e a Phenicia undicola;
Que avistas por cima dos teus cedros
Dous mares e dous mundos! nem a gloria
Que ha tantos sec'los, á porfia, os vates
Em sens hymnos te offertam pressurosos.
Do filho de Buzi, ao som dos ferros
O canto ouviste em Babylonia reprobá;
Sobre as azas dos ventos te orvalharam
De Jeremia as lagrimas propheticas.
Trezentos claustros nos teus flancos pousam.
Entre grupos de louros, de cyprestes,
A voz do Maronita em sacros hymnos
De ascetico fervor te santifica.
Desde o valle de Hammana á Tiberiade,
Onde entorna o Jordão as santas ondas,
Belleza triste ostentas. O teu ceo,

De islamico alfange atravessado,
Não vence na pureza o ceo brasilho.
Essa luz do oriente que esclarece
De tantos genios veneraveis berços,
Que no espaço rutila augustas sombras
Quando a mente penetra esclarecida
Os sacros columbarios do passado;
Essa luz que ha mostrado á humanidade
As sendasfortunosas das sciencias,
Da moral e do engenho e do heroismo,
As ideias fenece e ora offusca
Os olhos cubiçosos e ferozes
D'erradios alarves que pernoitam
Nos marmoreos sepulcros de cidades
Que outr'ora ao mundo deram bastos lumes.

No teu turvo horizonte se reflecte
Do occidente a luz, qual na Siberia
Nocturna aurora, boreal pbenomeno,
Crepitando nos ceos seu froxo lume,
A terra engana c'um diluc'lo ephemero.
Aqui dorme a esperanza sobre um orbe,
Tendo no seio do oceano a chave.
Um mundo, qual não viras no passado,
Guarda o futuro nas estranbas ferteis;
Este eterno donaire, eterna pompa
Que a natura escondera tantos seculos
A'quem do oceano, reservado havia
Para um centro de luz, para um destino
Tão grande qual seu porte magestoso,
Tão rico como as minas que enthesoura,
Tão nobre como os rios gigantescos

Que em seu seio circulam, que mão barbara
Em vão inentará toldar-lhe as agoas.

Como nos labios me percorre um nectar
De feiticeiro encanto, e no meu peito
Mil sorrisos derramas, Guanabára ?!
Prinzeza americana, que entre os astros
Raiando as tranças fulgidas, acolhes
Do rei dos ceos os radiantes osculos;
E o corpo gracioso reclinando
No vitreo thoro, inveja de mil povos,
Te miras sobre as agoas mogestosas
Do teu reino invejado, e a leda imagem
Vagar n'um doce enleio ufana deixas
Do teu rosto formoso, que nas ondas
Reflectido duplica os teus encantos!
E ahi nobre pousando no aureo leito,
Teu braço gigantesco branda inclinas
Sobre o marco do sol, onde a natura
Com astros emblemára um Capricornio,
E o teu solio de luz firmou eterna!

Que ufania não sentes, quando as auras
Pujantes naves no teu paço impellem,
Que submissas parando ante o teu throno,
E os pandos linhos portuchando, exalçam
Pela voz do canhão grave homenagem,
Que sete vezes repercutem, troam,
Teus saloons de granito, e se enroscando
Em nuvens d'ouro, o estandarte osculam
Que em teus muros florea triumphante;
E no ar ondulando em tenues fachas,

Quaes diaphanos veos, ao penhas toucam,
E em effluvios aos ceos gratas remontam!

Tua ampla magestade, tuas agoas,
De eviternas pyramides ornadas
Que ao de Meris prodigio sobrepujam,
Teus montes, paradeiros inconcussos,
Que a furia quebram dos medonhos euros,
Reflectindo-a nos ceos, deixando incolumes
Arfar nas ondas do universo as frotas
Que em teu porto ancoradas mal não temem;
Te aclamam no universo isenta de emulas,
A rainha, o primor da natureza.

N'um argenteo vapor se envolve a rocha
Que ao nauta indica as fluminenses ribas,
— Cabo-frio, — que aguarda em era proxima
Um destino eminente, o ser do Imperio
Telegrapho maritimo no mundo.
Ali virão fundear nas ermas agoas
Do seu porto magnifico mil naves,
Os britannios paquetes, mil vapores,
Sem azares correrem na derrota,
E mais breve missão, mais curtos dias
Em seu mobil destino preencherem.

Entre margens ceruleas se espreguiçam
Em leitos de setim amenos lagos;
Aerea tona seus contornos cobre.
Suãve lume bafejando o ceo
Em seus plaios pulidos bruxulea
De dantescas visões traslado iconico,

Quando os ceos percorria a par d'amada,
O rei da Ausonia, o desterrado vate:
Pertinanga, Taipû, o mundo inteiro
Saudado tem mil vezes suas margens,
Seus risinhos contornos que amenizam
Do emporio hospitaleiro as regias margens.

A vista no horizonte perlustrando,
Montes e montes fatigada encontra;
Que sotopostos como um mar em furia
Vão d'encontro esbarrar ao dique ingente
Que cinge da Bahia o bojo immense.
Como barra azulada a serra estende-se
Fimbrada de obeliscos, e nos ceos
Os agudos redentes mergulhando
Orlar parece o crystallino manto
Que da espada pendente do Janeiro
Se alarga desdobrando maravilhas;
E em cujas dobras recurvadas vertem
Dos altos leitos, que recamam gemmas,
Vinte rios as agoas sonoras,
Que as plantas beijam de sessenta ilhas,
Mitradas de vergeis, de palmeiracs,
Que vencem na belleza e nos perfumes
Essas do mar hellenio aonde outr'ora
Na vaga egêa o engenhoso Dedalo
Vio, do ceo, submergir-se o alado filho.

Em tenue fachada serpejando alonga
Sua margem serena, entre dous montes,
Essa Praia Vermelha, onde se eleva

Mole romana que a desgraça ampara ;
Suberbo monumento que mil benções
De coeva gratidão conquista e tece
Sobre a fronte de Pedro , o bemfazejo ,
Laurel eterno , luminosa fama ,
Que irá repercutir — Gloria — aos vindouros ;
E sobre a fronte activa e providente
De Clemente Pereira compartilhando
O nobre premio , o caridoso esforço ,
Sua gloria tambem nos evos firma .
Ali ergue o alvanel sagrado adyto
Que a imagem guardará d' Aquelle Joven
Que , as mãos sagradas espalmando , entorna ,
A par do riso que seus labios orna ,
Indulto ao fraco , e á miseria arrimo :
Primor d' arte , que a dextra sapiente
De Pettrich abrolhou no duro marmore .

Triplicé amphiteatro em margem leda
Botafogo , e Flamengo , e a Gloria ostentam :
Amenas quintas e jardins fragrantés ,
Feiticeiras mansoens , que a aurora acolhem
E ao ciciar das auras pelos renques
Das plumeas casuarinas , riso eterno
Ao incola feliz gratas derramam .

Do louro Tibre , do azulado Bosphoro ,
Da marcia Roma , de Stambul dourada ,
Os zimborios , pinaculos celestes
Que estranha prole levantou na campa
De abatidos gigantes ; d' essa Baias ,
Onde Roma em delicias se engolfava ,

Os palacios triumphem: vença o orgulho
Marmoreo de um tyranno, que no adobe
Sangue humano mesclara. Sim, supere
O lavrado artefacto á singeleza
Dos teus parques risonhos e formosos.
Onde em ocio tranquillo se deslizam
Sobre o leito da paz horas ditosas,
Sem ver pendente a espada de Damocles !

Em minha alma não verte doce engodo
A mesta escrava que em coxins dourados,
Coberta dos thesouros do Oriente,
Circulada de escravos e de eunucos,
Simula um riso, porque o algoz lhe veda
Prantear um passado venturoso.
Um craneo adereçado de brilhantes,
Sobre um leito do ouro, d'ostro e arminho,
Ressumbrando perfumes pelas orbitas
Onde outr'ora seus olhos luz bebiam,
Onde a roza expandio suave aroma,
Onde o pomo estilou melifluo nectar:
Um arido deserto representa,
Um chaos medonho, um astro deseixado,
A imagem descarnada do inferno
Que cresta da esperança as azas aureas!—
Não tem esses encantos physionomicos,
Um sim nos labios, que borbotam risos,
E os magicos accentos que em nossa alma
Avida divinizam!... Não, não fere
Como Eva formosa, pura e santa,
Como a esposa christã, que livre canta,
E o filho embala á sombra da palmeira,
E a terra emparaiza, eleva o homem.

Como um prisma luzente sobre um eómore,
Octogono branqueia o lido templo.
Que á Gloria de Maria outr'ora erguera
Devota dextra, arrependida, exsangue!
Orna-lhe a baze bairro opulentissimo,
Que seu nome conserva, e abre a entrada
Do pomposo Catete, que hade um dia
Com Moscou contender, com Hayde-Parque.
Entre glebas frondentes se aproximam,
Serpeando em vergeis, jardins odoros,
Do Cosme e Laranjeiras os suburbios,
Onde o sol derramado delinea
Risonbo toporama, alegre quadro.
Em amplas curvas, flanqueando os montes,
Se alonga murmurando o aqueducto
Que bebe o Carioca, e o despeja
Em tanques de granito, em bronzeas bicas
Ao feliz fluminense: mole classica,
De alvenaria serpe gigantesca,
Que a mão de Bobadella fabricára,
E entre o Monte Therezio e o Franciscano
Ao seu proprio triumpho ergueo com arcos
Que hão de eterna fazer sua memoria.

Se a vista arqueio sobre um mar alegre
Onde boiam mil fustas, mil galeras,
Contemplo Nictheroy saudavel, bella,
Delicias estendendo na peninsula
Que o monte da Armação nobre remata;
Vaga minha alma em redobrados gozos,
E de amena saudade se repassa.
Como um alcaacer d'ouro, do mar surge,

Coroado de um templo, o sacro ilhote
Que da Boa-viagem guarda o nome.
Seu vulto pictoresco dá realce
Ao verde litoral que o avizinha,
E ao inarcio Gravatá, que aterma a curva
Aonde São Domingos aprazível
Seus remansos assenta entre mil flores.

Quando as fragoas d'Area o ferro fundem,
Negros jorros de fumo ao ar lançando
Em retro ao monte d'Armação, parece
Que um volcão de improviso rebentando
Do seio do oceano, no ar estende
Inflammado sudario sobre os tectos
Da joven Nictheroy, e ameaça e tenta
Em lava e cinzas sepultal-a inteira,
Como outr'ora o Vesuvio fez a Stabia,
A Pompei, Herculano e a Resina!
Mas eis que corre no arenoso molde
O liquido metal, cessa o phenomeno;
E da mente s'esvae o novo quadro,
Que belleza e horror n'alma infundia.

Ves tu, ó Brasileiro, entre essas ilhas,
Que parecem nadar n'um mar d'azougue
Pela luz prateado, ali, n'um grupo,
Como rainha cortejada, a ilha
Dos amores chamada pelos vates;
Como um florido Oasis na erma Lybia,
De vergeis rodeado e de esperanças?
A linda Paquetá, delicia, orgulho
Da tua Capital, talvez d'America!?

Onde o puro Evaristo, o egregio Andrada
Foram dias fruir de ameno pouso,
Refocillar a mente atormentada
Pelo moto veloz e inconsequente
Da versatil politica! Dobra a vista,
Deixemos um passado melancolico,
Franquea a foz piscosa e baixa, que abre
O curvo Inhomerim, e beija a margem
Onde a Estrella se assenta, berço ignoto
De São Carlos, o vate cuja lyra
Fortunosa encontrou no patrio solo,
Quando ascetico arrobo a dedilhava,
Os prodigios do ceo, do paraizo.

Ahi, entre penhascos e espessuras,
A rival do Simplão flanquea as serras,
E sobre botareos, arcadas, muros,
Accesso ao viajor off'rece, e um reino
Que, acroceraunias plagas dominando,
Não sente do trovão a voz em pino,
Nem do estivo capro o bafô torrido,
Que os membros do colono em suor banha,
E verga do athleta a força herculea.

Alambreadas agoas fertilizam
Os valles fortuneosos que entre as cristas
D'esses montes ethereos se prolongam.
Suave clima amadurece os pomos
Que nos vergeis da Europa Asia enxerira ;
E entre as virgens collinas ora avulta
A infantina Petropolis que hospeda
Do Rheno e do Danubio prole cimbrica,
Que ao som do sacho e de seus hymnos patrios,

N'um clysis converte essas devezas
Onde ha pouco serpentes sibilavam,
Onde as feras rugiam, e em que hoje a regoa
Traçando ruas, planteando paços,
Canalisando rios, por encanto
Ergue nos ceos celestial cidade.

Oh que ternas saudades associas,
Temperada Petropolis, n'esta alma!
Perenne gratidão ferve em meu peito.
Deslembrar não me é dado horas ditosas,
Que a par de amigos, do meu nobre amigo,
Em teu supino assento almo fruindo,
No meu peito acolhi doces venturas.
Eu vi da illustre mente a ideia vivida
Radiante surgir, crear no espaço
Tcu porvir glorioso, e protegida
Por mão augusta, esvoaçar avante,
E em teus ermos poisar. tecer teu berço,
Teus muros levantar, e sobranceira
Mais um centro de luz brotar no Imperio

Jamais de contemplar-te, ó Natureza,
Cançarão os meus olhos, nem minha alma
Que te exalça mil votos n'este peito,
Onde chammas sagradas se alimentam,
Deixará de um só dia, em novo culto,
Magestosa patria consagrar-te.
Minha alma adora em ti do Eterno a dextra;
Um pensamento, no universo, enxerga
Do cerebro de Deos realisado.

Em cada folha, no pistillo adoro,
Na curta gleba aonde o lirio medra,
No seixinho que forra o alveo ao rio,
Na fuligem do troneo, no alto cedro,
Na planura, no monte que se touca
Da opaca nuvem que fuzis lampeja,
Na onda buliçosa, no polypo,
Em tudo o que os sentidos meus abrangem,
Nos ccos, na terra, e nos mysterios d'alma,
Do dedo do Senhor o sello encontro;
Vejo a sua palavra aviventada
No admiravel archeo, seu echo diyo,
Os creadores sons repercutindo
Do hymno eterno que o universo anima;
E do qual uma nota harmoniosa
E' meu ser entre os seres do universo!

Que celica eloquencia, que altas provas
Este mar, estes montes não darçejam
Calando no meu peito estavel crença?!
Esta serra vallada de mil rios,
Estes picos que o ceo lanceam, e rasgam
Co' a cuspide eterna! nuvens de fogo,
Estas virgens florestas que no solo
Milhões de outonos tem brindado prodigas
Com nectareos festins ás livres feras;
Este fluxo e refluxo, equorea pendula
Da terraquea existência, e que simula
Palpites das volcanicas entranhas;
Este virgem conspecto, esta grandeza,
Que ás proprias feras magestade incutem,
E sempre ao olho sabio do estrangeiro
Pasmo inspirando, enthusiasmo arranca;

Em minha alma ora movem sacro lume,
Como a eterna cidade com seus restos,
Como um marmor de Phidias, de Praxiteles,
Como o genio de Homero, e Buonaroti,
Como de Raphael os divos rasgos,
Como tudo o que é bello e grandioso!

Prosigamos no affan; o amor não cança,
Antes novas delicias n'alma infunde,
Que um premio é mais o afortunado ensejo.
Do vate quando conscio sobre a lyra
Canta o nome da Patria, e mostra ao orbe
Que elle amou, e foi grato, á mãe querida.

Como escada celeste do alto desce
Em recortados planos no horisonte
A Serra dos Botaes, e ante seu vulto
Ergue a fronte o Tinguá, em cujas fraldas
Paira meu coração, e grato envia
Ternissima saudade ao nobre amigo.
Da Madureira a serra, intercalada,
Rouxando pousios, se aproxima
Té que a Tijuca se antependo alarga
As graniticas faldas, que se travam
Co' as ilhargas possantes das da Gavia,
E tece regiões que maravilham!

Ali em curto estadio abrange o homem
Os esparsos primores com que a Europa
Alardea no mundo. Anios ruidosos
Fazem do ceo rolando em catadupas,
Conço em Tibur supina, mil cascatas;

Do Tirol pictoresco emulam, e vencem
Essas fragas talhadas a caprixo
Os românticos sitios na beldade,
No sublime, no austero, construindo
Na incerta forma, nas profundas covas
Alpinas grutas e caucasio valles.
De frondentes cabeços que nos ares
Enfumaçadas grimpas bruxuleam
Formosos Niagaras se despenham,
Efluvios expandindo; qual na Iberia
A eça de Pyrcne, que, mergulha
Nos ceos as grimpas, e na terra os flancos,
Que ao mar entornam do Adur as agoas.

Qual um tronco, adornado de folbagens.
Boiar parece a grandiosa ilha,
Que do Goveruador conserva o nome.
O machado cruel ceifou scus bosques,
Que otr'ora um galeão no mar lançaram.
Alveja-lhe no centro o grão mosteiro
Dos filhos de São Bento hospitalciros;
Mafra illusoria o Rei João fazia
De seus claustros na terra americana!
Do Bom Jesus a ilha franciscana
Ladeada de outras floccentes,
Seu niveo templo, seu deserto claustro
Triste reflecte n'azulada onda.

Por toda a parte estronda em baque horrendo
Sobre um solo deserto a pedra-d'ara!
No pulpito eloquente e edificante

Tece a aranha o seu leito em sujas teias;
E aonde a voz potente trovejava,
Tihio silencio só se encontra agora.
Capea mão sinistra fallaz tromba
Que a ruina entoa dos sagrados templos;
Passeia triumphante sobre a terra
A indiff'rença mortif'ra, e nas pegadas
Que imprime n'este solo, abre cem covas,
Que se entulham c'as pedras demolidas
Dos templos do Senhor! A cruz do Golgotha,
De extinctas raças, de finada crença,
Parece um simulacro!!! e!... Deos Supremo,
Amparai esta terra; soccorrei-nos,
Que esta terra é da Cruz, do Filho vosso;
Amparai-a, Senhor, com vossa graça,
Com vossa graça que restaura a vida,
E que ao cego infeliz a vista outorga.

Perfilando co' a vista a costa ingente
Que franjam cem rogatos, e limita
O florente Aguaçu, que madre serra
De seu seio desliza ao mar salgado,
E a claro Merity, vejo a planicie
Onde pouza a Pavuna entre seus combros.
Eu vejo o Novo Engenho florecente,
Adornado de quintas, de vergeis,
Como verde pellucia sobre um thalamo:
E as curvas praias, graciosas, bellas,
De jardins recamadas, convergindo
A' Ponta do Caju, augusto pouso:
E a Ilha dos Ferreiros que insuflára
N'alma pura do Dutra a flamma occulta

Que o seu ser devorou, amando uns olhos!
Cruel flagello que om seu peito ardendo,
Como o fogo callinico, inextincto,
A par das carnes calcinou-lhe a vida.

Em virente chaneza, alamedada,
Da regia augusta os torreões alvejam,
Que plantára na roca a mão do homem,
Entre odoros vergeis, ficticios lagos;
Rematam-lhe o alto cimo, oh nobre ideia!
Do livre americano o raro invento,
E de Hipparco a estellifera utorada.

A lança de Franklin encantadora
Que dos trovões invade a plaga ardente,
E o raio insuperavel arrancando
Quebra-lhe a sanha, a força decompoem-lhe,
E humilde, encandeado, mudo, escuro,
O sepulta na terra inofensivo;
D'aquí lubrigo, e a seu lado hasteando
O augusto pavilhão aurivirente
Tremufando no céu as patrias cores.
Da parte opposta brilha em vitreo templo
De Galileo o tubo que ultrapassa
Do Lynce e de Condor a vista aguda.
Ali, em claro céu, Augusto Joven
Da sciencia escudado o céu perlustra;
Penetra a mente nos volcões da lua,
Percorre as regiões sidereas, gira
Sobre o anel de Saturno, conta e marca
Em torno às fachtas que circulam Jupiter
Novos astros ignotos aos Chaldeos,

A' douta antiguidade, e ao mundo coevo
Do illustre Pisano, honra da Italia.
E qual Anjo que desce das alturas,
Antes de ao leito demandar repouso,
Co'as sacras mãos, e'o bemfazejo peito
Mil bençãos sobre os subditos derrama
Do elevado terrasso, onde o diluculo
Da rosea aurora a gradinata esmalta,
E as marmoreas estatuas aviventa
Que c'roam do aposento a alta cornija.

No centro excelso do modesto paço,
Nos seus nobres salões, em torno ao throno,
Não penetra somente aulico incenso,
Nem das côrtes o ardil, a inveja, e os vicios!
Do bello a imagem pura ali se preza,
No gremio augusto as artes se acalentam,
E as sciencias um templo n'elle encontram.

Eu te saudo, habitação querida,
Sacratio brasileiro, onde repousa
De nossas esperanças o futuro;
Chrysol adamantino onde se apuram
Magestozos exemplos, santos gomens,
Que as nações regeneram. Tu n'America,
No arido deserto que circundam
Os Andes e o mar, no falto páramo,
Aonde em vez de relva ossos branqueiam,
E's o sacro Oasis, o linitivo
De nobres peitos, corações ardentes;
Jamais em teus umbraes vingar veremos
O sonho corruptor, sanguisedento,
Que as almas tinge de versateis cores

No lago impuro do egoismo barbaro;
Onde em ondas de sangue ferve, espuma
O incansavel fragor d' insanos Tantalos!

Nem estulta mirage no horisonte
Refractar a seus votos illusorios
O phantasma de um throno. o altar purpureo,
Que um Jupiter de todo usurpa, e mancha
Co' a mão calosa, co' a sanguinea planta!

Luz suave, benefica, tranquillã
Do teu scio diurna, e d'ella foge
O esqualido vampiro, o mesto hypocrita,
Que adora a noite e se alimenta em sangue.

Mais de vez o inferno capeado
Pela astucia da treta hypocrisia,
Em teus aureos sophitos, n'essas regias,
Insano pendurou com ferreos elos
Rasteiro bacorão, que em vão tentava
Águia romana simular n'um vôo!
Das proprias nuvens que supino erguera,
Da propria tempestade que forjara
Vio inferno luzir, no choque horrivel,
Um raio inopinado, e no ar em cinzas
O falso simulacro esvaecer-se!
Em claro dia transformar-se a noite!
Pairar nos céos o bragantino grypho,
E em luz engolpar-se e em magestade.

Os aquilões erguidos nos desertos
Que em turbilhões ferozes levantaram
Trombas de sangue n'este vasto Império,

E ao futuro, investiram derrocando,
Em branda viração se transmudaram;
Purificando a terra! As niveas azas
No céu batendo o Tutelar Archânjo,
— Victoria-nos bradou — EIS TEU PALLADIO
E um Infante mostrou-nos sobre o throno
Radiando a pureza de sua alma!

Fechemos este canto: a chave d'ouro
És tu vasta cidade que te estendes
Immensa e rica n'esse ameno plaino,
Nivelando co'as serras azuladas
Tuas torres e cupolas graníticas.
Lambendo mansamente as tuas plantas
Vem a vaga pejada d'esses mares
Em teu emporio permutar thesouros;
Pousar em teu rebanço essas florestas
Que tremulam nos topos variegados
Os brasões do universo. O sol agora
Solta das crinas de ouro em teus fastigios
Carminha popolina, e sobre as faces
Das vitreas claraboias reflectido
Marcheta de mil socs a tua fronte
Ennastrada de estatuas, de vergeis.

Marmoreas azas abre ante meus olhos
O Genio que plantou na Grecia e Roma
Palmas de acantho, peristyllos doricos;
E que os ares fendendo foi sumptuoso
Sobre as margens do Sena e do Tamisa
Transplantar seus thesouros. Vejo um seculo,
Um seculo de crença e de futuro,

Planejando em teu seio amenos parques,
Monumentos plantando, e em tuas ruas
As pontas alargar do aureo compasso.
Vejo a pompa cezarea e bisantina,
Do Neva e do Moscova ao sol dos tropicos
Empapar-se de luz, de duplo esmalte;
E do Elba e Danubio as maravilhas
Em teu gremio pousar. sem que o inverno
Co' a mesta mão a fronte lhe polvilhe.

Infantil qual tu és, inda no berço,
Eu te amo e te adoro; um viço eterno
Ressunibra no teu rosto: a formosura
Que espande a virgem no verdor dos annos
Brosta de gemmas a singela tunica
Que as formas venusinas denunciam.
D'esta tua bahia a Providencia
Quebrou no espaço o molde: e no universo
Outro todo não ha que iguale as formas
De tanta louçania e magestade:

Que importam essas eras fabulosas,
Extensas tradições, diffusas lendas,
Escuros fastos, monumentos ermos,
De confuzos Etruscos ou Slavonicos;
Uma stirpe remota e antiquissima,
Como a stirpe de Roma, Galia, ou Betica,
Se és de facto a Princeza Americana?
Que importa que a pegada adusta do incola
Não deixasse em teu craneo soberano
E rancidos mythos que se esfumão
E se perdem no berço das idades?
Se és rainha de facto; e soberana

N'um sugesto de purpura sentada,
Ves os filhos dos reis; de longe virem,
Porfiarem a mão de tuas filhas?!

Inda hontem deitada sobre a falda
D'esse eterno padrão, eterno emblema
Do teu berço de ouro, repousavas
N'um leito de sapé teus jovens dias
A' sombra da palmeira do deserto!

Inda hontem, p'ra sempre, rechassaste
O filho de Calvino, esboroando
Co'a luza dextra os baluartes galos
Que, intruso, em tuas agoas levantára;
E a nuvem tenehrosa de Tamoios
Congregada nas selvas e nas brenhas
Que c'o sopro infantil desvaneceste,

Inda hontem o grande Bobadella
Fez correr em teu ceo agoas potaveis;
E o nobre Vasconcellos convertendo
Em risouho jardim teus negros pantanos,
Seu amor e saudade exára e deixa-te
Precioso legado, alia memoria.

Inda hontem nos teus augustos braços
A foragida estirpe dos Reis Lusos
Carihosa acolheste. E ouviste o brado
De INDEPENDENCIA OU MORTE no Ypiranga!

Inda hontem cingiste o diadema,
Rainha do Equador; e no teu gremio

Prole Cezarea, em orfandade, lida,
Meiga embalaste, e defendeste heroica!
Tão moça e tão grandioza ja brotaste
Basta raça de genios, de guerreiros,
Rainha do Equador ergue-te, marcha,
Pois és no mundo anthartico o sacrario
De tudo o que é sublime, justo e santo.

Inda hontem nasceste. e hoje risonha
Já franqueas da gloria, o amplo estadio,
Circumdada de um prestito solemne!
Ao som da harpa sagrada, inda na infancia,
Do Rei propheta ouviste os sacros threnos
Psalmejar portentoso o sabio Caldas,
Que raro entre os mortaes ungiu seus labios
Co' as vozes de David e de Chrysostomo!
Em teus templos se animam se engradem
Os canticos sagrados que um Garcia
Um Roza, um Rortugal, e um Arvellos
Anotaram co'a dextra sapiente.
Franqueande os espaços luminosos
Da sublime epopea, ves teus filhos,
No pulpito eloquente, nas sciencias,
Ou na lyra de amor brotando assombros:
Já no metro suave de um São Carlos
Recusitar edenicas as delicias;
Amor e Primavera sobre os labios
Do teu douto Villela; e na eloquencia
Que em phrazes d'ouro trevejou Sampaio,
E o grave Montalverne, os previos louros
De uma idade maior. Brindaste a Lysia
C'um faceto Aristophanes: e um filho
Do horrivel Torquemada, em praça publica,

Ao som dos psalmos, dos sagrados cantos,
Novo Druida aticando ardente fragoa,
O ledo vate converteo em cinzas!

Como um favo de mel, pende da boca
Do nobre Maricá verdade eterna,
Archetypa moral, thesouro immenso
Pelos annos colhido, e pelo estudo.
Rola ainda em teu rosto a justa lagrima
Que ha pouco te arrancou teu Januario;
E o exicio imprevisto do bom Dutra,
Que do berço se ergueo triste cantando,
Deu dous passos na terra, e ao céo subio!

Dos teus tectos agora em aureas nuvens
Odorosos effluvios se levantam,
Melodias vibrando pelo espaço.
Eu as ouço, e as vejo pelo mundo
Adejando, a encantar peitos estranhos;
Suavissimos hymnos dos teus Vates!
Ouço a voz grandiosa de um amigo,
E em torno á sua voz um coro harmonico
Que com elle se eleva ao céo da gloria;
E's tu, meu Magalhães! C'roa-te um seculo,
O futuro te applaude, e do passado
Vem a voz de um Cairu, de um Evaristo,
Fechar de teus laureis a facha artistica.

D'aqui, sobre este monte alcantilado,
Entre o teu pavimento, entre os dos astros,
Eu quizera exprobar-te; mas não posso:
Vence amor em meu peito este combate,

Da gratidão o nectar vem aos labios,
Adoçar minha voz e a transmuda
Em sagrada oblação, votos ardentes:
Fados brilhantes so te dê o Eterno.

Descanba o sol: a noite desenrola
O seu manto de sombras azuladas
No seio das florestas e dos valles.
E' o preludio festivo do silencio,
São as gallas que estende a tarde aos astros
P'ra melhor seu orvalho distilarem
Na hora em que o colono dorme, e o sabio
Chama á luzerna o universo inteiro.
O mar - do céo espelho, já colora
De cinzentos listões a vitrea face;
E os picos das montanhas, simulando
Petrificados Pyrrhas escalando
O aspro dorso de sulcadas serras,
De um gorro luminoso a fronte adornam.

Trina a meus pes a strophe que arremata
O hymno dos aligeros cantores.
Bate as azas nas trevas o vampiro,
Sorri-se á escuridão, e o céo negreja,
Com as fetidas azas: genie o mocho
Sinistros ais, e pipitando timidos
Os fofos bacorãos na terra vagam.
Cala nos troncos o clangor sonoro
Bronzeada cigarra; e na garganta
A cornea flauta o sabiá sopita:
Nos empapados brejos lanpejando
Erram mil pyrilampos, e nos ares

O verde cirio o vagalume estende,
No rosto da natura já se embebe
Da frouxa luz o senho melancolico.
Só não muda do mar o ronco eterno,
Nem da espadana, que prantea a rocha,
O unisono embate entre os penedos.

Cançada está minha alma, estão meus olhos,
De tanta magcstade! Inda esta aurora
Um pelago de nuvens agachadas
Envolvia a meus pés a terra e as agoas,
E aqui e ali varando a branca massa
Negros picos surgiam, como syrthes
No meio do oceano; veio a brisa,
E essas ondas ephemerass erguendo
Em effluvios aos ceos mandou c'o sopro seu.
Evoluções aereas, como em sonhos,
Minha musa saudaram. Agradeço-te
O' destino feliz que me guiaste
A este Panorama. Serei grato;
Um hymno entoarei a teus primores,
Um hymno que adejando alem dos mares
Va na terra d'Iwan pousar contente,
E ao nobre amigo mitigar saudades.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).